

# *A Galinha Põe ou Bota Ovos?*

## *Respostas e não respostas dos informantes do*

### *Atlas Linguístico do Estado de Alagoas -*

#### *ALEAL*

Marianúbia Pereira Barbosa **DOIRON\***

\* Mestrado (2009) e Doutorado (2017) em Estudos da Linguagem pela Universidade Estadual de Londrina, e em Sciences du Langage pela Université Grenoble Alpes (2017). Contato: maranubiadoiron@gmail.com.

#### **Resumo:**

Este estudo tem como objetivo descrever e analisar abstenções e respostas não válidas registradas pelos informantes do Atlas Linguístico do Estado de Alagoas – ALEAL – a algumas perguntas do Questionário Fonético-Fonológico (QFF). Relativamente comuns em trabalhos de campo, dados com essas características ainda são pouco explorados em estudos científicos. Este trabalho se pauta principalmente nos resultados referentes à QFF 26 – BOTAR, que perguntava ao informante “o que a galinha vai fazer quando canta e vai para o ninho”. O verbo *pôr*, predominante junto aos falantes do ALEAL, constitui-se em resposta não válida, pois não atende aos propósitos do fenômeno linguístico que seria analisado, ou seja, a abertura da vogal média pretônica no verbo *botar*. Foram registradas apenas duas abstenções. Ao examinar as razões que levam os falantes a realizar as referidas ocorrências, pretende-se contribuir para uma interpretação acertada das informações obtidas, além de repensar as metodologias correntes, sempre tendo em vista a produção de uma cartografia de excelência, ou seja, fidedignamente alinhada às diferentes variáveis trabalhadas pelo pesquisador e, naturalmente, aos registros coletados.

#### **Palavras-chave:**

Atlas Linguístico do Estado de Alagoas. Respostas não válidas. Variáveis diatópicas e diastráticas.

*Signum: Estudos da Linguagem, Londrina, v. 21, n. 1, p. 89-105, abr. 2018*

*Recebido em: 22/08/2017*

*Aceito em: 20/01/2018*

# A Galinha Põe ou Bota Ovos? Respostas e não respostas dos informantes do Atlas Linguístico do Estado de Alagoas – ALEAL

Maranúbia Pereira Barbosa Doiron

## APRESENTAÇÃO

Uma das dificuldades dos pesquisadores que trabalham com atlas linguísticos diz respeito à análise de dados relativos a determinadas perguntas do Questionário Fonético-Fonológico (QFF) que, por repetidas vezes, produzem respostas inadequadas, lacunas e omissões. Essas situações, frequentes, seja em atlas nacionais, regionais ou locais, desencadeiam questionamentos do gênero: como cartografar essas informações? Como interpretá-las?

Estudos publicados por pesquisadores membros do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB) já sinalizavam nesse sentido muito antes da publicação, em 2014, dos dois primeiros volumes da obra (CARDOSO et al., 2014a, 2014b). Aguilera e Yida (2008) abordaram especificamente o tema em estudo sobre a ausência de respostas válidas coletadas junto aos informantes do ALiB, em cada uma das 25 capitais inquiridas.

Pouco tempo antes do referido artigo, outros autores, com base no material coletado para o ALiB nas capitais, também se interessaram pela problemática, se bem que com propostas diferentes, como o fez a própria Aguilera (2007), ao refletir sobre Crenças e Atitudes Linguísticas dos informantes em respostas a algumas questões metalinguísticas. Cardoso (2007), por seu turno, se deteve sobre o sentido existencial, no português do Brasil, dos verbos *ter*, *haver* e *existir*. Mota (2007) debruçou-se sobre o valor estilístico de variantes estigmatizadas, e Isquerdo (2007), a partir de dados acerca de questões agropastoris, que compõem o Questionário Semântico-Lexical (QSL) do ALiB, procedeu à apreciação da relação urbano *versus* rural.

Além desses trabalhos, alguns estudantes orientados pelos pesquisadores supracitados discutiram a temática sob diferentes aspectos, sempre considerando os *corpora* do Projeto ALiB: Jesus (2006, 2007), Yida (2006), Pastorelli (2007) e Romano e Isquerdo (2007).

O Atlas Linguístico do Estado de Alagoas (ALEAL), resultado da tese de doutorado desenvolvida por Doiron, em 2017, sob a orientação das professoras Vanderci de Andrade Aguilera, da Universidade Estadual de Londrina (UEL), e Elisabetta Carpitelli, da Université Grenoble Alpes (UGA), também se deparou com a problemática das respostas não válidas, ou ausência de respostas para certas questões do QFF. Tal qual Aguilera e Yida (2008), que constataram estar nas capitais do Nordeste o maior índice de registros inválidos, a autora do ALEAL pôde atestar que o fato ocorre com bastante frequência, também, em localidades interioranas, ao menos no que se refere ao estado de Alagoas.

## BREVE DESCRIÇÃO DO ALEAL

O ALEAL é produto de uma tese de doutorado<sup>1</sup> que teve como incumbência documentar e descrever a realidade linguística de falantes da zona urbana do estado de Alagoas, considerando as diferenças diatópicas em seus aspectos fônicos, léxico-semânticos e morfossintáticos, com o intuito de atestar se essa unidade da Federação se encontra dentro do subfalar nordestino, como propôs Nascentes (1953) em sua clássica divisão dialetal do Brasil.

No tocante à rede de pontos (Anexo 1), o ALEAL seguiu as orientações de Nascentes (1958), com 21 localidades inquiridas. Com exceção das cidades de Junqueiro, onde não foi possível encontrar informantes com o perfil estabelecido, e de Canapi e Quebrangulo, que não entraram no rol daquele autor, a rede mantém-se fiel à original.

São dois os informantes por localidade: um homem e uma mulher na faixa etária de 30 a 50 anos, com nível de escolaridade completa ou incompleta. Com vistas a verificar a influência da variável faixa etária, em sete cidades dentre as mais antigas do estado foram entrevistados quatro informantes: dois homens e duas mulheres com idades entre 30 a 50 anos e 55 a 75 anos. Ao todo, foram inquiridos 56 informantes:

- Ponto 1- Delmiro Gouveia** (dois informantes – 35/50 anos)
- Ponto 2- Canapi** (dois informantes – 35/50 anos)
- Ponto 3- Santana do Ipanema** (quatro informantes – 35/50 anos; 55/75 anos)
- Ponto 4- Piranhas** (dois informantes – 35/50 anos)
- Ponto 5- Pão de Açúcar** (dois informantes – 35/50 anos)
- Ponto 6- Traipu** (dois informantes – 35/50 anos)
- Ponto 7- Penedo** (quatro informantes – 35/50 anos; 55/75 anos)
- Ponto 8- Piaçabuçu** (dois informantes – 35/50 anos)
- Ponto 9- Coruripe** (dois informantes – 35/50 anos)
- Ponto 10- Arapiraca** (dois informantes – 35/50 anos)
- Ponto 11- Palmeira dos Índios** (dois informantes – 35/50 anos)
- Ponto 12- Quebrangulo** (dois informantes – 35/50 anos)
- Ponto 13- Limoeiro de Anadia** (dois informantes – 35/50 anos)
- Ponto 14- São Miguel dos Campos** (quatro informantes – 35/50 anos; 55/75 anos)
- Ponto 15- Pilar** (dois informantes – 35/50 anos)
- Ponto 16- Marechal Deodoro** (quatro informantes – 35/50 anos; 55/75 anos)
- Ponto 17- Maceió** (quatro informantes – 35/50 anos; 55/75 anos)
- Ponto 18- União dos Palmares** (quatro informantes – 35/50 anos; 55/75 anos)

---

<sup>1</sup> Para mais informações, ver Doiron (2016).

**Ponto 19- São Luís do Quitunde** (dois informantes – 35/50 anos)

**Ponto 20- Porto Calvo** (quatro informantes – 35/50 anos; 55/75 anos)

**Ponto 21- Maragogi** (dois informantes – 35/50 anos)

Os questionários do ALEAL, que somam um total de 328 questões, são praticamente os mesmos propostos pelo Comitê Nacional do ALiB (2001), estando assim subdivididos: Questionário Fonético-Fonológico (QFF – 90 perguntas); Questionário Semântico-Lexical (QSL – 199); Questionário Morfossintático (33); e Perguntas Metalinguísticas (6). A partir desse total, foram realizadas 140 cartas linguísticas, as quais contemplam todos os fenômenos linguísticos propostos nos questionários, diversos deles, mais de uma vez.

#### **QUADRO GERAL DE RESPOSTAS E NÃO RESPOSTAS REGISTRADAS PELOS INFORMANTES DO ALEAL: O IMPASSE DA CARTOGRAFAÇÃO**

Foram observadas, no Questionário Fonético-Fonológico, diversas situações em que os informantes se abstiveram ou não apresentaram respostas adequadas às proposições das questões. O primeiro caso, e talvez o exemplo mais patente, refere-se à QFF 06, que contava chegar à resposta *caminha*. A pergunta, ao feitio do ALiB, é assim formulada: “*um copo pequeno é um copinho, e aquele lugar onde a pessoa se deita para dormir, se for pequeno, como se chama?*”. Dos 56 informantes, apenas oito (quatro homens e quatro mulheres) responderam espontaneamente a questão, sendo todos da faixa etária jovem. As respostas mais comuns, por ordem de frequência, foram: *cama pequena*, *cama de solteiro* e *beliche*. Mais da metade dos informantes que registraram *caminha*, só conseguiu pronunciar essa palavra depois de tê-la lido. Esse procedimento, ainda que não estivesse em conformidade com as instruções e recomendações do Comitê Nacional do ALiB, foi o expediente a que recorreu a inquiridora, em face do quadro generalizado de ausência de respostas e respostas inadequadas.

Apesar de ter-se constatado que todos os informantes, ao registrarem o item lexical desejado, nasalizaram a vogal /a/ da sílaba inicial, considerou-se que os dados obtidos não cumpriam os quesitos propostos, por terem sido obtidos a partir da intervenção da inquiridora, ainda que se tratasse de uma questão do QFF. Por essa razão, considerou-se como não válidos os registros fornecidos por 48 informantes.

Outro exemplo de carta que se mostrou particularmente difícil na obtenção de respostas foi a QFF 059 – QUESTÃO/QÜESTÃO. Somente 6% dos informantes, assim interpelados: “*quando duas pessoas têm um desentendimento, uma briga, um problema, elas procuram o juiz para resolver a \_\_\_?*”, responderam a contento. Em lugar da lexia a ser cartografada, registraram: “o caso”, “o problema [repetindo o mesmo sema da pergunta]”, “a situação”, “a pendenga”, além de alguns sintagmas do gênero. Na repergunta, também proposta no ALiB: “*quando você não quer muito uma coisa, você diz: eu não faço \_\_\_*”, nenhum dos informantes respondeu questão.

A Carta 86 do ALEAL, referente à questão QFF 010 – ÍMÃ, apresentou uma situação distinta da relatada anteriormente. A unidade lexical *ímã* recebeu 62% de menções, o que equivale, em números absolutos, a 18 respostas fornecidas por homens e 20 por mulheres. Ocorre que em Alagoas, assim como em outros estados do Nordeste, é forte a frequência da variante regional, como se comprovou: 38% dos indivíduos entrevistados registraram *azougue*, sendo 13 homens e 10 mulheres. Essa ocorrência lexical mostrou-se exclusiva nos pontos 2 (Canapi), 6 (Traipu) e 13 (Limoeiro de Anadia). Já o item *ímã* deteve a exclusividade nos pontos 4 (Piranhas), 8 (Piaçabuçu), 15 (Pilar), 18 (União dos Palmares), 20 (Porto Calvo) e 21 (Maragogi).

Em virtude da boa produtividade da variante regional *azougue*, optou-se pela cartografia das duas ocorrências numa única carta, visto que o conjunto de dados se mostra passível de ser mais bem observado estando agrupados.

Por razão similar – o contraponto com uma variante regional – os registros da Carta 35, BARULHO, aparecem em uma só carta. Do total de respostas válidas, 72,1% disseram que, para não acordar a criança que dorme, não se deve fazer *barulho*, mas 27,8% apontaram a unidade lexical *zoadá*. O percentual referente à variante regional, no parecer da autora, perderia em expressividade se tivesse sido apresentado em carta separadamente.

Mais uma vez, na Carta 121, referente à QSL 100 – PESSOA LOURA, a variante regional, *galega*, com 33 ocorrências, se sobrepôs à resposta desejada: *loura* ou *loira*, essas registradas apenas nove vezes pelos informantes.

Ainda que sem representatividade nos dados globais, a variante regional *arupemba* foi coletada junto às respostas da Carta 08 – QFF 019 – PENEIRA. Três informantes, dois homens e uma mulher, só registraram essa ocorrência, enquanto que dois homens disseram *peneira*, mas explicaram que tinham conhecimento da outra variante.

A opção de reunir os dados em uma única carta não se mostraria eficaz se fosse aplicada à QFF 080 – ABERTURA DA CALÇA MASCULINA – que registrou três variantes lexicais: *braguilha* (com 36 respostas, sendo 21 homens e 15 mulheres); *fecho ecler* (com 19 menções, das quais oito foram ditas por homens e 11 por mulheres); e *zíper*, com 13 ocorrências (sete homens e seis mulheres). Da QFF 080 foram geradas três cartas: a 32, a 33 e a 34, cada qual com as respectivas variantes fonéticas.

A pergunta 194 do QSL – TERRENO – que integra o conjunto de temas concernentes à vida urbana, obteve duas respostas: *terreno*, com 52 registros (equivalente a 90%), e *chão*, com seis menções (10% do total). Foram produzidas três cartas, no caso: constam da Carta 82 os dados brutos e exclusivamente lexicais. A Carta 83 traz a transcrição fonética da variante *terreno*, cujo interesse incide sobre a abertura da vogal média pretônica. Por fim, na Carta 84 estão as transcrições fonéticas das duas variantes encontradas na rede de pontos do ALEAL.

Na QFF 60 – PEGO, igualmente foram encontrados alguns problemas em relação à resposta pretendida. Diante da questão: “*um ladrão sai correndo e o policial sai atrás e consegue pegar o ladrão. Você diz que o ladrão foi \_\_\_\_ pela polícia*”, poucos foram os informantes que, de

pronto, disseram *pego* como primeira resposta. Quase que invariavelmente respondiam *preso*, *capturado*, *levado para a cadeia*, *algemado*, entre as principais. Somente depois de terem sido inquiridos sobre outros modos de dizer a frase é que os informantes registraram *pégo* (a vogal /e/ aberta recebeu 35 menções, equivalente a um percentual de 81% do total).

A reformulação da pergunta com inserção de novos elementos se fez necessária na QFF 015 – RUIM. Muitos informantes disseram, em primeiro lugar, que uma comida, quando não está boa, está *azedada*. Entretanto, apresentados outros semas, como: “*uma pessoa que não é boa é \_\_\_\_*”; ou ainda: “*o contrário de bom é \_\_\_\_*”. Os informantes realizaram a forma prevista no Questionário Fonético-Fonológico que buscava verificar se a variante era registrada como monossílabo, portanto com o acento tônico na vogal /u/, ou dissílabo, com o acento na vogal /i/.

Também na QFF 016 – ARROZ foi preciso reintroduzir a repregunta. Para cerca de 5% dos informantes, “*aqueles grãozinhos brancos que podem acompanhar o feijão e carne*” é a *farinha de mandioca*, e não o *arroz*, como se quer no questionário. Situação semelhante foi encontrada na QFF 08 – LUZ, com muitos registros para *energia*; na QFF 050 – EMPREGO, que obteve *trabalho*, *serviço*, *colocação*; na QFF 056 – SOLDADO (muitos mencionaram *policia*); na QFF 057 – CALÇÃO (foram frequentes as menções *bermuda*, *short*), mas que foram respondidas satisfatoriamente na repregunta.

A QFF 029 – ÁRVORE foi objeto de três cartas: na Carta 13 estão as transcrições fonéticas do segmento *vore*; na Carta 14 estão transcritas as realizações da partícula *ár* e, na terceira carta (15) estão as ocorrências lexicais. Além do item *árvore*, com 44 registros, 12 informantes (19% do total) mencionaram *pé de figo*, *pé de algaroba*, *pé de pau*, *pé de árvore*, *pé de arbuseiro*<sup>2</sup>, *juá*, *pé de planta*, *planta*.

## QUE LEITURA PODE-SE FAZER DESSES DADOS?

Em razão dos poucos trabalhos publicados sobre o tópico, o exercício de interpretação dos dados apresentados anteriormente torna-se um tanto laborioso. Pesa sobre a leitura acertada a tarefa de ajustar, ou mesmo repensar, as metodologias correntes, sempre na tentativa de produzir uma cartografia de excelência, ou seja, fidedignamente alinhada às diferentes variáveis trabalhadas pelo pesquisador, e, naturalmente, aos registros coletados.

Autoras de estudo pontual sobre o tópico, Aguilera e Yida (2008, p. 20) concluíram que o nível de estudos dos informantes interfere nas respostas. Nos *corpora* por elas analisados, verificaram que cerca de “65% de questões aplicadas aos informantes de baixa escolaridade apresentaram algum obstáculo na elicitación da resposta desejada”. As autoras citam alguns fatores na origem do problema, todos confirmados pelo ALEAL:

- i) variante regional é mais representativa do que a resposta desejada: *azougue* para *ímã*; *galega* para *loura*; *zoadá* para *barulho*;

---

<sup>2</sup> A informante pode ter se referido a um pé de arbusto.

- ii) dada a possibilidade de mais de uma resposta, o informante apresenta um parassinônimo: *chão* para terreno; *fecho ecler* e *zíper* para braguilha; *cama pequena*, *beliche* e *cama de solteiro* para caminha; *arupemba* para peneira; *energia* para luz; *causa*, *problema*, *situação*, *pendenga* para questão; *trabalho*, *serviço*, *colocação* para emprego; *bermuda* e *short* para calção;
- iii) o referente é pouco comum na região, e, conseqüentemente, não faz parte do conhecimento de mundo do informante, como na Carta 49 – QSL 013 – GRANIZO, que teve seis abstenções. Neste caso, no Ponto 1 (Delmiro Gouveia), os dois informantes, homem e mulher da primeira faixa etária, disseram não saber do que se tratava a chuva com bolinhas de gelo, fenômeno que não ocorre no sertão semiárido. A propósito de algumas questões concernentes a cursos d'água, como o nome do lugar onde o rio se encontra com o mar e, também, ocorrências naturais ligadas à chuva, em pontos das regiões centro-oeste e norte de Alagoas, áreas que sofrem secas prolongadas, vale dizer que as respostas, quando fornecidas, nem sempre condiziam com o referente.

Considerando os três fatores propostos e, obviamente, excetuando-se as abstenções, pretende-se que nos exemplos citados não tenham ocorrido não respostas.

Acerca das dificuldades encontradas pelos informantes no registro das variáveis fonéticas a serem cartografadas, tal qual observado por Aguilera e Yida (2008), confirma-se, também, no ALEAL, que o fator escolaridade representa um obstáculo nesse sentido. Dentre os 56 informantes do ALEAL, 27 declararam ter ensino fundamental completo, 24 não concluíram o ensino fundamental, e cinco se autointitularam analfabetos.

## O QUE A GALINHA VAI FAZER QUANDO CANTA E VAI PARA O NINHO?

Na Carta 12 do ALEAL (Anexo 2) estão os dados relativos à QFF 26 – BOTAR, que inquiria: “*quando a galinha canta e vai para o ninho, se diz que ela vai fazer o quê?*”. Esperava-se que o informante respondesse BOTAR (ovo) e, nesse caso, seriam constatados o comportamento da vogal média pretônica anterior /o/, e do /r/ em coda silábica externa, em verbo.

Ao contrário do que se esperava, a maioria dos informantes não registrou botar: Foram obtidos 77,8 %<sup>3</sup> de respostas para o verbo pôr; 15,9% para o verbo botar; e 6,3% para colocar. Em números absolutos, as respostas estão assim representadas:

- i) PÔR: 25 homens (19 na primeira faixa etária, e seis da segunda); 24 mulheres (19 da primeira faixa de idade, e cinco na segunda);

Quanto à distribuição diatópica, os dados estão assim registrados: o verbo *pôr* ocorreu em todas as localidades, sendo exclusivo nos pontos 2 (Canapi), 5 (Pão de Açúcar), 6 (Traipu),

---

<sup>3</sup> Desse total, foram contabilizados os seguintes percentuais: 74,6% para *pôr*; 1,6% para a variante fonética *apor*; e 1,6% para *pori*.

9 (Coruripe), 10 (Arapiraca), 12 (Quebrangulo), 13 (Limoeiro de Anadia), 15 (Pilar), 19 (São Luís do Quitunde) e 21 (Maragogi).

ii) BOTAR: quatro homens (três da faixa 30/50 anos, e um da faixa 55/75 anos); seis mulheres (três com idades entre 30/50 anos, e mais três da segunda faixa de idade).

Diatopicamente, os registros do verbo *botar* estão representados dessa maneira: não é exclusivo em nenhum ponto, e só concorre com o verbo *pôr* no ponto 1 (Delmiro Gouveia); é minoritário nos pontos 3 (Santana do Ipanema), 4 (Piranhas), 7 (Penedo), 8 (Coruripe), 11 (Palmeira dos Índios, 16 (Marechal Deodoro), 17 (Maceió) e 18 (União dos Palmares).

iii) COLOCAR: um homem 30/50 anos; três mulheres (uma com idade entre 30/50, e as outras duas na faixa dos 55/75 anos).

Em relação à distribuição diasssexual e diatópica, o único informante do sexo masculino que registrou o verbo *colocar* é do ponto 20 (Porto Calvo) – o informante registrou em primeiro lugar o verbo *pôr*; as três informantes do sexo feminino são dos pontos 3 (Santana do Ipanema), 14 (São Miguel dos Campos) – nessas duas localidades ocorreu como segunda resposta; a primeira resposta foi o verbo PÔR; e 17 (Maceió) – foi a única resposta da informante.

Importante assinalar que o verbo *colocar*, com o sentido de postura de ovos, não aparece nos dicionários. Em se considerando que os informantes tenham registrado esse verbo como uma forma mais prestigiosa de dizer *pôr* e *botar*, verifica-se que, comparadas aos homens, as mulheres observam um cuidado maior com a fala que lhes parece mais elaborada.

## HÁ UM PROBLEMA COM O VERBO PÔR?

O verbo *pôr*, que, como se viu, ocorre majoritariamente na Carta 12 referente à QFF 26, quando a variante desejada era o verbo *botar*, foi objeto de análise específica na Carta 99 do Questionário Morfossintático, na pergunta 26 (Anexo 3), que buscava as variantes *pus/ponhei*. Buscou-se saber do informante: “*uma pessoa procura um objeto e não acha, então ela lhe pergunta onde você pôs o objeto. Como você responde?*”. Os resultados surpreendem:

- 56,7% responderam “*eu coloquei?*”;
- 16,7% disseram “*eu botei?*”;
- 11,7% “*eu pus?*”;
- 1,7% “*eu ponhei?*”;
- 13,3% apresentaram outras fórmulas, tais como: “*sei não?*”; “*eu guardei?*”; “*em cima da estante?*”; “*olha, eu deixei ali em cima, em tal lugar?*”; “*eu joguei?*”; “*eu vi ela ali?*”.

Na somatória geral, tem-se, portanto, 86,7% de registros de diversas formas verbais, contra apenas 13,4% do que se esperava ouvir, as variantes *pus/ponhei*. Dentre os informantes que optaram pela omissão, constata-se que a porcentagem do verbo *colocar* é quase quatro vezes maior do que a do verbo *botar*. Novamente, a exemplo da Carta 12, seria o caso de perguntar: o verbo *colocar* sugere prestígio?



No *Novo Dicionário Eletrônico Aurélio* (FERREIRA, 2010), o verbo *colocar* é definido em 12 entradas: na primeira delas, o sentido é de “*pôr* em (algum lugar)”. Como abonação, tem-se: “mãos piedosas *colocaram* uma vela acesa ao lado dele”, e “Alice *coloca* a bandeja sobre a mesinha do rádio”. *Colocar*, nessa acepção, é o ato de *pousar* algo em determinado local.

O verbo *botar*, a segunda opção dentre as duas formas verbais omitidas, no mesmo dicionário, aparece em 26 entradas: na primeira, apresenta-se com o sentido de “*deitar, atirar, lançar* fora; *expelir*”. Nas abonações, lê-se: “a fonte *botava* água continuamente; o doente *botou* muito sangue”. Na sexta entrada, o referido dicionário traz o verbo com significado de “*pôr, colocar*”, e, na abonação, “*botar* o livro na estante”. Posteriormente, *colocar* entra como ato de “*pôr* ovos”.

Já o verbo *pôr*, com dezenas de entradas, em sua primeira definição, remete ao verbo “*colocar* (em algum lugar); *depor*” e, com esse sentido, traz duas abonações: “*pôr* o copo sobre a mesa; Deus *pôs* o homem na Terra”. Em outra entrada, o *Novo Dicionário Eletrônico Aurélio* remete o verbo *pôr* a “*deitar* ovos num ninho”, citando a frase “meia-água de zinco do forno onde se cozinhavam as polentas e as galinhas *punham*”.

Comparando os resultados de ambas as cartas, ao menos duas pressuposições podem ser levantadas:

- i) o verbo *pôr*, na forma infinitiva, não apresenta problemas para o informante; na QFF 26, prevalece a variante corrente em Alagoas: a galinha vai *pôr* o ovo;
- ii) já em situações como a proposta na QMS 26, em que o verbo *pôr* deve ser conjugado na primeira pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo, o informante o pretere, substituindo-o por *colocar* e *botar*, ou optando pela omissão.

Diante do fato, poderia se cogitar que o informante, consciente de sua incerteza entre a forma “eu pus” e “eu ponhei”, opte por não registrar nem uma nem outra. Não seria de todo inoportuno pretender que a forma “eu pus” lembraria ao informante o substantivo *pus* e, por isso, ele se abstenha de dizê-lo.

A dúvida poderia ser esclarecida, em parte, se uma segunda questão concernente à QFF 26 – BOTAR tivesse sido aplicada ao informante: “*você disse que a galinha canta quando vai para o ninho pôr o ovo, mas e depois de ter feito isso você diz que ela fez o quê?*”. Qual teria sido a resposta do informante? A galinha *pôs* o ovo? A galinha *ponhou* o ovo? A galinha *botou* o ovo? A galinha *colocou* o ovo?

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Todo pesquisador que empreende trabalhos de campo se depara com circunstâncias em que os informantes não realizam o item linguístico procurado. Tais situações ocorrem, sobretudo, em questões de cunho fonético-fonológico, não deixando de ser usual, também, nos inquéritos semântico-lexicais. Os dados assim coletados suscitam um cuidado maior na análise e posterior cartografia. Invariavelmente, os resultados apresentados serão passíveis de discussões acerca da metodologia e do entendimento do pesquisador acerca das informações obtidas.

Como dito, conquanto se constitua em uma das principais preocupações dos pesquisadores, ainda são poucos os estudos científicos acerca do que se entende por não respostas ou respostas não válidas a questionários relativos a atlas linguísticos, tornando difícil, portanto, estabelecer-se um consenso em torno do assunto. Neste artigo, pretendeu-se discutir a ausência de respostas e respostas não condizentes ao referente proposto em questões abordadas no Atlas Linguístico do Estado de Alagoas – ALEAL.

Expostos os dados de algumas cartas do ALEAL, constatou-se que, entre os falantes alagoanos inquiridos, o índice de respostas não válidas, ou a ausência de respostas, mostrou-se elevado. Lembremos mais uma vez que o nível de estudos dos informantes é o fundamental completo e incompleto.

Pode-se supor que informantes com grau de escolaridade maior teriam mais facilidade para apreender os semas que levariam às respostas esperadas nas cartas apresentadas neste artigo, mas, no caso do ALEAL, essa possibilidade não se aplica: os informantes têm mais ou menos o mesmo perfil escolar.

Entre os 56 informantes do ALEAL, há um total de cinco falantes (correspondente a 9%) que se declararam analfabetos: três homens (dois jovens e um idoso) e duas mulheres (as duas da segunda faixa etária). Todos esses informantes foram encontrados na região norte do estado de Alagoas (pontos 2- Canapi, 3- Santana do Ipanema, 12- Quebrangulo, 18- União dos Palmares). Seria pertinente, então, comparar as respostas dos analfabetos com os de nível fundamental completo e incompleto (Anexo 4), mas os dados globais, nas cartas expostas no presente estudo, não se mostraram significativos.

É forçoso pretender que o contexto no qual as respostas são coletadas pode dizer muito sobre a real possibilidade de obter a variante analisada, isto é, se o informante estaria em condições de assimilar o que se lhe é apresentado. Considerado isso, somente o inquiridor estaria habilitado a apresentar o ambiente extralinguístico que determinou a realização de uma variante não válida em detrimento do item esperado. No ALEAL, a inquiridora trabalhou com as mesmas questões do ALiB, questões estas previamente postas à prova pelo Comitê Nacional; a situação comunicativa, portanto, não diferiu de outras já vivenciadas pelos pesquisadores.

Com relação à condução das entrevistas, julga-se necessário retomar uma das considerações de Aguilera e Yida (2008), de que a postura do entrevistador pode representar maior ou menor facilidade de reformular a questão no sentido de se obter a resposta adequada. Ao menos no que diz respeito ao ALEAL, a inquiridora, como dito anteriormente, verificou que a insistência em obter determinada resposta, ainda que com o cuidado de abordar o tema com muita sutileza, conduzia à inibição do falante, e isso interferia na continuidade da entrevista. A inquiridora do ALEAL atestou que os informantes, confrontados com questões cujas respostas não lhe vinham de imediato, de modo geral tendiam a se retrair, demonstrando frustração quando a pergunta era reformulada repetidas vezes. O exemplo que ilustra esse fato, e que mais se aplica à ausência de respostas, diz respeito à QFF 06, que intentava registrar a variante *caminba*: apenas oito informantes puderam realizá-la espontaneamente.

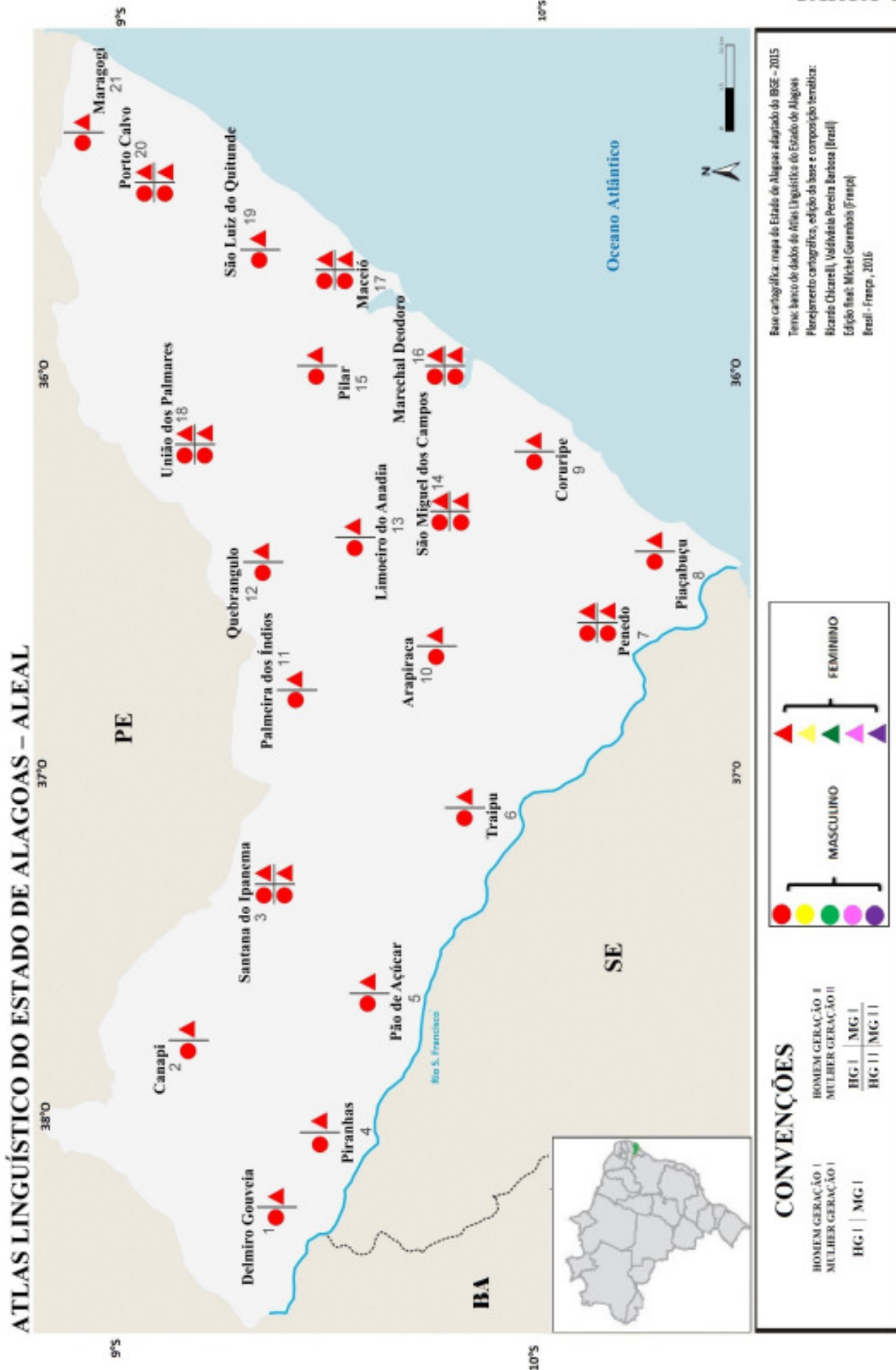
Os parassinônimos que foram obtidos – *cama pequena, cama de solteiro e beliche* – corroboram as considerações a que chegaram Aguilera e Yida (2008), de que os informantes responderam a pergunta, mas as variantes não cumpriram o objetivo do QFF.

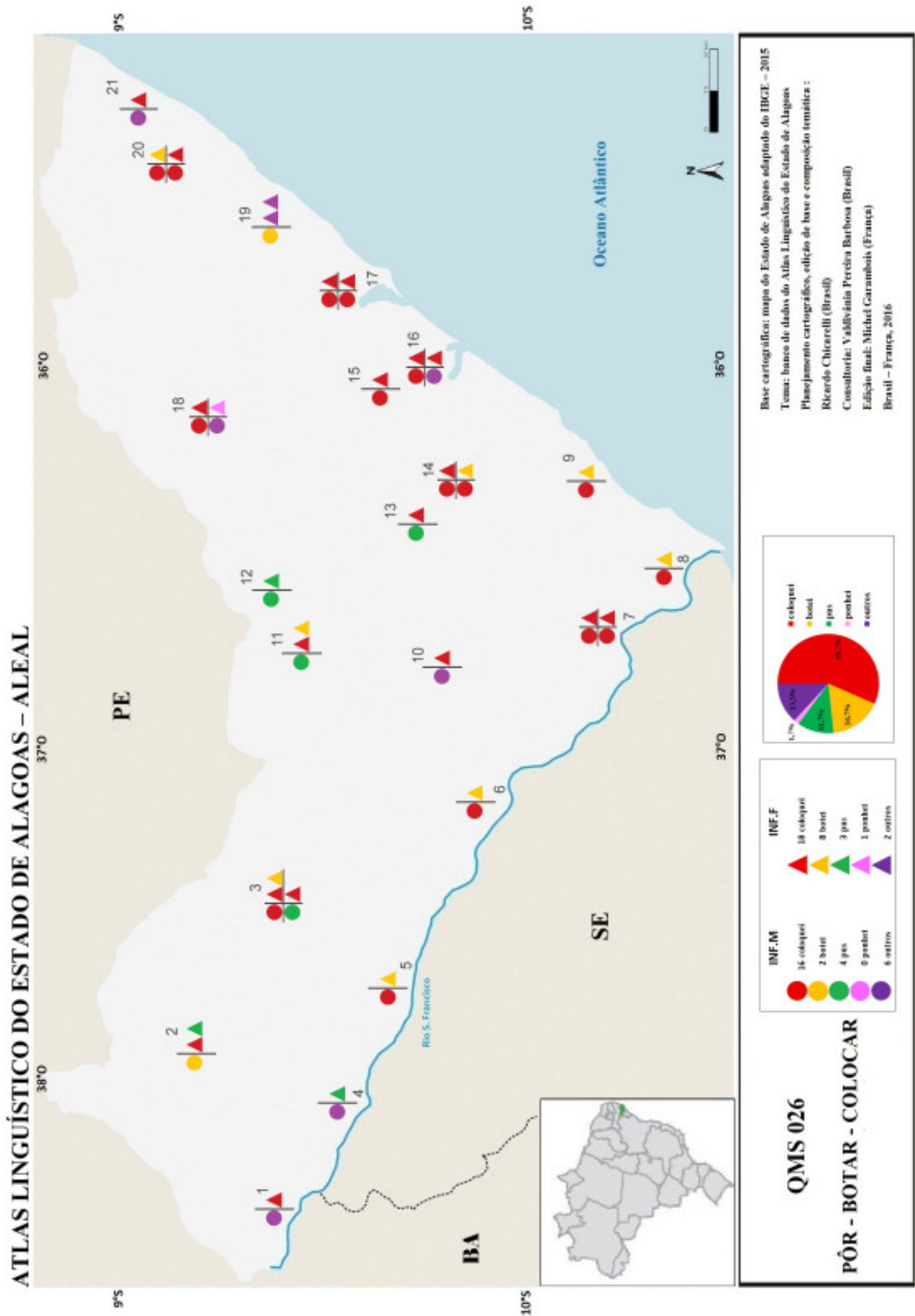
Quanto ao tema central deste estudo, a QFF 26 – BOTAR, que perguntava ao informante “*o que a galinha vai fazer quando canta e vai para o ninho*”, concluiu-se que o verbo *pôr*, predominante junto aos falantes do ALEAL, constitui-se em resposta não válida, pois não atende aos propósitos do fenômeno linguístico que seria analisado. Foram registrados apenas dois casos de ausência de repostas.

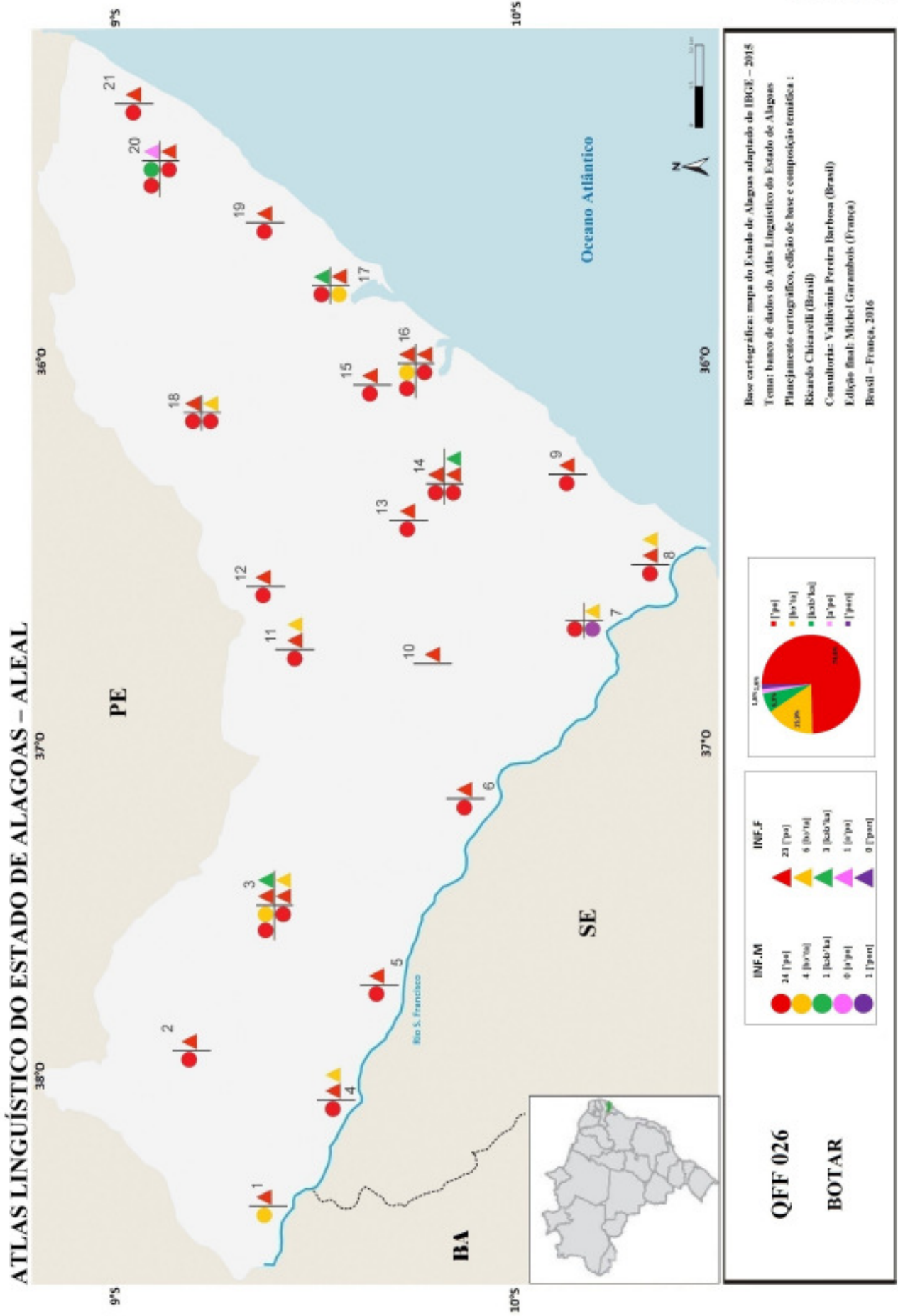
O mesmo verbo *pôr*, trazido à baila na Carta 99 do ALEAL – “*onde você pôs [um objeto qualquer]?*”, foi preterido pela maioria dos falantes, que realizaram respostas não válidas – definidas assim por não cumprirem o objetivo da questão, o de verificar o emprego do verbo *pôr* na primeira pessoa do pretérito do indicativo.

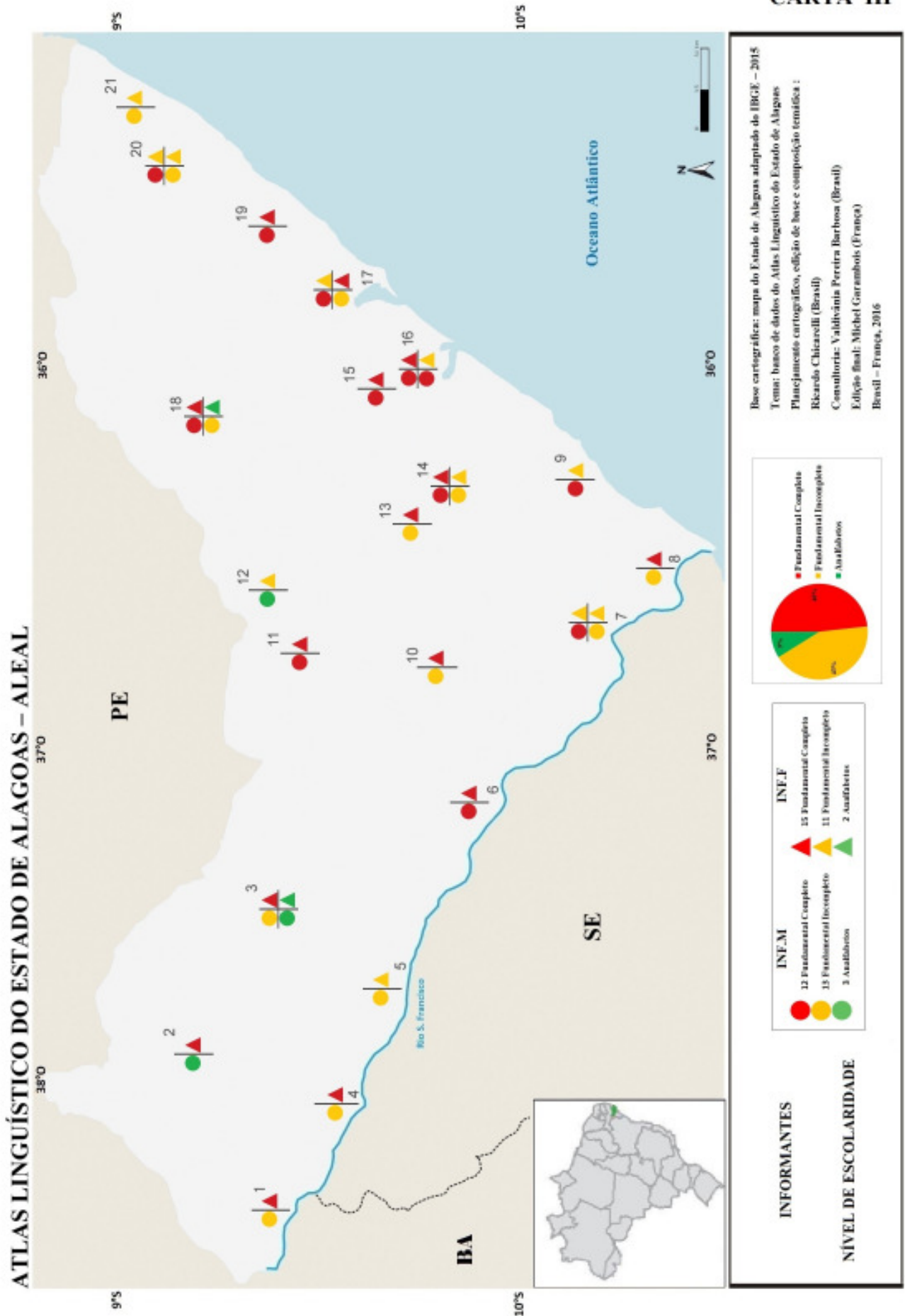
Finalmente, descartou-se a hipótese de que as ocorrências correspondentes a abstenções e a respostas não válidas estivessem ligadas aos limites do conhecimento de mundo dos informantes – uma vez que os temas fazem parte de suas vivências cotidianas. Quanto ao fator escolaridade, concluiu-se que, nas questões propostas, os informantes do ALEAL, com nível de escolaridade fundamental completo e incompleto, estiveram propensos a registrar respostas não válidas e abstenções. Contudo, diferentemente do que foi atestado por Aguilera e Yida (2008) nos estudos por elas realizados, não se pode afirmar aqui que o fator escolaridade esteja ligado a esses fenômenos, visto que o ALEAL não trabalhou com informantes de nível superior, inviabilizando comparações com foco em diferentes escalas de letramento.

## ANEXOS









## REFERÊNCIAS

- AGUILERA, V. de A. Crenças e Atitudes: o que dizem os falantes das capitais brasileiras. In: CONGRÈS INTERNATIONAL DE LINGUISTIQUE ET DE PHILOGIE ROMANES, 25., 2007, Innsbruck. *Communications: résumés*. Innsbruck: Innsbruck University Press, 2007. p. 301.
- AGUILERA, V. de A.; YIDA, V. Projeto ALiB: uma análise das respostas e das não-respostas de informantes das capitais. *Signum: Estudos da Linguagem*, Londrina, v. 11, n. 2, p. 15-31, dez. 2008. Disponível em: <<https://bit.ly/2rADmlN>>.
- COMITÊ NACIONAL DO ALiB. *Atlas Lingüístico do Brasil: questionários 2001*. Londrina: Ed. UEL, 2001.
- CARDOSO, S. A. M. A expressão do sentido existencial no português do Brasil: ter, haver e existir. In: CONGRÈS INTERNATIONAL DE LINGUISTIQUE ET DE PHILOGIE ROMANES, 25., 2007, Innsbruck. *Communications: résumés*. Innsbruck: Innsbruck University Press, 2007. p. 185-186.
- CARDOSO, S. A. M. et al. *Atlas Lingüístico do Brasil*. Introdução. Londrina: Eduel, 2014a. v. 1.
- CARDOSO, S. A. M. et al. *Atlas Lingüístico do Brasil*. Cartas linguísticas 1. Londrina: Eduel, 2014b. v. 2.
- DOIRON, M. P. B. Atlas Lingüístico do Estado de Alagoas: um trabalho conjunto entre a Universidade Estadual de Londrina e a Université Grenoble Alpes. In: AGUILERA, V. de A.; ROMANO, V. P. (Org.). *A Geolinguística no Brasil: caminhos percorridos, horizontes alcançados*. Londrina: Eduel, 2016. p. 113-126.
- FERREIRA, A. B. de H. *Novo dicionário eletrônico Aurélio*. Curitiba: Positivo, 2010.
- ISQUERDO, A. N. Revisitando os conceitos rural versus urbano no português do Brasil: contribuições do Projeto ALiB. In: CONGRÈS INTERNATIONAL DE LINGUISTIQUE ET DE PHILOGIE ROMANES, 25., 2007, Innsbruck. *Communications: résumés*. Innsbruck: Innsbruck University Press, 2007. p. 313.
- JESUS, C. S. de. Variação fonética no português do Brasil: diferenças diatópicas na realização do /s/ em coda silábica, a partir dos dados do Projeto Atlas Lingüístico do Brasil (ALiB). In: SEMINÁRIO ESTUDANTIL DE PESQUISA DO INSTITUTO DE LETRAS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. Salvador, 2006. (Apresentação Oral).



JESUS, C. S. de. O /s/ em coda silábica no Nordeste, a partir dos inquéritos do Projeto Atlas Lingüístico do Brasil (ALiB). In: SEMINÁRIO DE PESQUISA EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS, 3.; SEMINÁRIO DE PESQUISA EM ANÁLISE DO DISCURSO, 3., 2007, Vitória da Conquista. (Apresentação Oral).

MOTA, J. de A. O valor estilístico de variantes estigmatizadas no português do Brasil, com base em dados do Projeto ALiB. In: CONGRÈS INTERNATIONAL DE LINGUISTIQUE ET DE PHILOGIE ROMANES, 25., 2007, Innsbruck. *Communications: résumés*. Innsbruck: Innsbruck University Press, 2007. p. 318.

NASCENTES, A. *O linguajar carioca*. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1953.

NASCENTES, A. *Bases para a elaboração de um atlas lingüístico do Brasil*. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 1958.

PASTORELLI, D. S.; AGUILERA, V. de A. Estudos lexicais sobre o campo semântico do corpo humano em capitais brasileiras. In: ENCONTRO ANUAL DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA, 16., 2007, Maringá. *Anais do XVI EAIC*. Maringá: EDUEM, 2007. p. 1-8.

ROMANO, V. P.; ISQUERDO, A. N. Um estudo rural vs urbano: perspectiva geolingüística. In: ENCONTRO CIENTÍFICO DO CURSO DE LETRAS: O Desafio das Letras, 5., 2007, Rolândia. *Anais...* Rolândia: FACCAR, 2007. Disponível em: <<https://bit.ly/2rDU1Vo>>.

YIDA, V. Alimentação e cozinha no Brasil: preliminares de um estudo dialetológico. In: ENCONTRO CIENTÍFICO DO CURSO DE LETRAS: O Desafio das Letras, 4., 2006, Rolândia. *Anais...* Rolândia: FACCAR, 2006. Disponível em: <<https://bit.ly/2rDUqbn>>.